



**UnB**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL

VIVIANE NETTO DE ALMEIDA

**DE UM LEVANTAR DE CABEÇA À MATERIALIZAÇÃO DE UMA IDEIA:  
APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO “SERENATA FÉTIDA”**

BRASÍLIA – DF

2022

VIVIANE NETTO DE ALMEIDA

**DE UM LEVANTAR DE CABEÇA À MATERIALIZAÇÃO DE UMA IDEIA:  
APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO “SERENATA FÉTIDA”**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Literatura por me proporcionar momentos mágicos de leitura e escrita. Sinto-me imensamente grata por ter encontrado o caminho dos livros e por ter conseguido acrescentar mais cor à minha vida.

Agradeço à minha mãe por me aguentar falando no seu ouvido diariamente. O seu apoio incondicional é um dos motivos para eu me manter na minha jornada de estudos.

Agradeço à Profa. Dra. Patrícia Nakagome por aceitar me orientar e sugerir o tema do meu trabalho.

Agradeço à minha amiga Beatriz por me escutar e aguentar minhas pequenas crises.

Agradeço à minha prima Letícia por me apoiar e estar ao meu lado desde sempre.

Agradeço ao meu irmão por ter contado histórias para mim quando pequena e ter despertado a minha curiosidade pelo que havia dentro dos livros.

## RESUMO

Durante meu trabalho de leitura, como se refere Barthes ao ato de ler, de *Incidente em Antares*, por vezes minha cabeça se levantou e meus olhos se desviaram das páginas amareladas do livro em minhas mãos. Desses movimentos inocentes, brotou em minha mente uma ideia. Incapaz de esquecê-la, comecei a colocá-la no papel; imediatamente um cheiro abominável elevou-se das páginas e o tanger de um violão e os gritos desesperados de uma mulher romperam o silêncio de meu quarto. Era “Serenata fétida” materializando-se diante de mim. “Serenata fétida” é um capítulo escrito por mim, de *Incidente em Antares*, no qual narro como o morto-vivo Pudim de Cachaça e seu amigo Alambique fizeram uma serenata para a esposa de Pudim, e que é exposto nesta monografia.

Palavras-chave: Incidente em Antares. Pudim de Cachaça. Leitura. Tipos de leitores.

## SUMÁRIO

Introdução.....	6
1. O prelúdio da ideia: <i>Incidente em Antares</i> .....	7
1.1    Os mortos-vivos .....	8
1.2    O capítulo.....	9
2. Serenata fétida.....	10
3. Levantando a cabeça: um passeio pela fedorenta serenata.....	17
4. Outros leitores .....	20
Conclusão .....	22
Referências bibliográficas .....	23

## Introdução

Para mim é impressionante como a escrita materializa a nossa imaginação e os nossos pensamentos. Acontece assim: uma letra após a outra, uma palavra após a outra, uma sentença após a outra e de repente estamos diante de castelos, de crianças famintas, de uma sala de estar repleta de quadros de homens bem-sucedidos. De repente não estamos mais diante de um papel coberto de letras, e sim nas ruas de uma cidade desconhecida, ouvindo as vozes das pessoas que passam e sentindo o cheiro da comida vendida nas barraquinhas. Este trabalho surgiu porque eu precisava materializar uma ideia, eu precisava dar vida a uma cena e eu precisava escrevê-la. Não fui capaz de deixar essa ideia guardada na cabeça; eu precisava colocá-la aqui, nesse espaço em branco, para que então eu conseguisse vê-la, ouvi-la, senti-la e cheirá-la. Por isso nasceu “Serenata fétida”; um capítulo, escrito por mim, de *Incidente em Antares*, em que narro como Pudim de Cachaça e Alambique fizeram uma serenata para Natalina, esposa de Pudim.

Antes de chegarmos ao capítulo, talvez seja importante nos prepararmos para o que veremos nesta monografia, por isso vamos às partes! Na primeira parte, denominada “O prelúdio da ideia: *Incidente em Antares*”, discorro brevemente sobre a história de *Incidente em Antares*. Sigo para a primeira subparte, denominada “Os mortos-vivos”, na qual trato dos sete defuntos que voltaram à vida na cidade de Antares, dando ênfase a Pudim de Cachaça. Em seguida, prossigo para a segunda subparte, denominada “O capítulo”, na qual introduzo “Serenata fétida” e abro às portas para a minha produção. Finalmente o meu capítulo é exposto na segunda parte, denominada “Serenata fétida”. Em seguida, na terceira parte, denominada “Levantando a cabeça: um passeio pela fedorenta serenata”, trato do movimento de levantar a cabeça que gerou “Serenata fétida” e dos detalhes do capítulo. Na quarta parte, denominada “Outros leitores”, comento sobre os quatro leitores propostos por Santaella. Enfim, na Conclusão, relembro a viagem trilhada nesta monografia.

## 1. O prelúdio da ideia: *Incidente em Antares*

Em 1971, o escritor gaúcho Erico Verissimo publicou sua última obra: *Incidente em Antares*. O livro conta a história da cidade de Antares e o curioso incidente que ocorreu na cidade em 13 de dezembro de 1963. Antares é uma cidade fictícia pertencente ao Estado do Rio Grande do Sul e localizada à margem esquerda do rio Uruguai. Apesar de imaginária, a cidade foi construída por Verissimo como um microcosmos do Brasil, dessa forma, Antares participa da história do país desde a colonização até o século XX.

*Incidente em Antares* é dividido em duas partes: “Antares” e “O Incidente”. A primeira parte narra a história da formação da cidade. Antares surge, em 1829, como um povoado, chamado Povinho da Caveira, dominado por Francisco Vacariano. O domínio de Francisco sobre a região perdura até a chegada de Anacleto Campolargo em 1860. A partir dessa data, o comando político, econômico e social de Antares começa a ser disputado pelos Vacarianos e Campolargos. A história da rivalidade entre as famílias e da cidade de Antares são contadas juntamente com a história do Brasil, passando pela Guerra do Paraguai, Abolição da escravidão, Proclamação da República, Revolução Federalista e a chegada do século XX. No século XX, são narrados o governo de Getúlio Vargas, responsável por acabar com a disputa entre Vacarianos e Campolargos, a eleição de Juscelino Kubistchek, a eleição e renúncia de Jânio Quadros e o governo de João Goulart.

Já a segunda parte narra a Greve Geral que foi decretada na cidade e a volta à vida dos insepultos. No dia 13 de dezembro de 1963, ao meio-dia, a Greve Geral é decretada na cidade de Antares; no mesmo dia, falecem sete pessoas: Quitéria Campolargo, Cícero Branco, Menandro Olinda, Barcelona, João Paz, Erotildes e Pudim de Cachaça. No entanto, os sepultamentos não acontecem, já que os coveiros também aderem à greve e qualquer tentativa de enterrar os defuntos é barrada pelos grevistas. Os vivos, então, deixam os mortos em seus caixões do lado de fora do cemitério da cidade. Na noite do mesmo dia, os sete mortos voltam à vida, saem de seus caixões, descobrem que não foram enterrados e decidem no dia seguinte regressar à cidade para exigir o seu sepultamento. Os mortos chegam à cidade de manhã e todos estão livres para fazer o que quiserem pela cidade, entretanto “quando o sino da Matriz começar a dar as doze badaladas do meio-dia, haja o que houver, todos devem encaminhar-se para o coreto da praça” (VERISSIMO, 1992, p. 250). Dessa forma, os defuntos se reúnem no coreto e

passam a infestá-lo com a podridão de seus corpos e a perversão dos vivos, uma vez que expõem a corrupção e a depravação dos moradores de Antares.

### **1.1 Os mortos-vivos**

Quitéria Campolargo morreu devido a um ataque do coração algumas horas depois da greve ser decretada. Figura autoritária e tradicional, Dona Quitéria era a matriarca dos Campolargos e uma das representantes da elite de Antares. Quando regressa à vida, liberta-se das convenções sociais afirmando que “morto não tem classe” (VERISSIMO, 1992, p. 234).

Cícero Branco morreu em virtude de uma hemorragia cerebral. Era um advogado corrupto, no entanto, ao retornar a Antares como um morto-vivo, assume o cargo de advogado dos mortos, incumbindo-se de defender o direito ao sepultamento e de denunciar as corrupções dos vivos.

Menandro Olinda, um pianista, suicidou-se cortando os pulsos. O pianista era conhecido como louco na cidade, uma vez que, em seu primeiro concerto, teve uma crise nervosa graças a um trauma de infância causado pelo excesso de cobrança da mãe.

José Ruiz, o sapateiro Barcelona, morreu por causa da ruptura de um aneurisma. Barcelona era conhecido por todos em Antares e sabia igualmente todos os seus segredos. Considerava-se anarco-sindicalista e detestava o sistema capitalista.

João Paz foi torturado e assassinado pelos carrascos de Inocência Pigarço, delegado de Antares, na cadeia municipal. O delegado acreditava que João Paz fazia parte de uma guerrilha, chamada “grupo dos onze”, e as torturas aconteceram para tentar arrancar de João o nome dos outros guerrilheiros.

Erotildes foi vítima de negligência médica e por isso morreu de tísica. Foi uma das prostitutas mais famosas de Antares entre 1925 e 1945. Durante a juventude era uma mulher bela e disputada pelos homens de Antares.

Pudim de Cachaça, conhecido como o maior beberrão de Antares, foi assassinado por Natalina, sua esposa. Natalina sofria violência doméstica do marido bêbado e, diante disso, colocou veneno na comida dele. Ao regressar à vida, o cachaceiro pergunta a Cícero Branco a causa de sua morte e descobre que foi a esposa quem o matou. Pudim de Cachaça não acredita, pois afirma que a esposa não seria capaz de matar ninguém, mas depois de entender que o assassinato foi motivado pelos maus-tratos que ele cometia, admite que realmente não a travava

bem e expressa o seu desejo: “tomara que não botem ela na cadeia” (VERISSIMO, 1992, p. 239). No entanto, descobre que a esposa já está presa e que será julgada no mês seguinte.

Quando o grupo dos mortos-vivos retornam a Antares, Pudim de Cachaça “vai direto ao botequim do Quincas, seu habitual ponto de reunião noturna com o companheiro.” (VERISSIMO, 1992, p. 288). O companheiro é Alambique, amigo e parceiro de serenatas. Pudim de Cachaça é bem recebido por Alambique, o amigo não se importa com o mal cheiro, as moscas e tampouco com o defunto. Os dois conversam e Pudim de Cachaça pergunta a Alambique se Natalina realmente o matou, Alambique diz que sim, Natalina havia confessado. Pudim de Cachaça, no entanto, compadece-se com a situação da esposa e preocupa-se com o tempo que ela passará na cadeia. No fim da conversa, Pudim de Cachaça pergunta a Alambique onde a esposa está e o amigo responde: “Na cadeia municipal. Onde mais?” (VERISSIMO, 1992, p. 290), diante dessa resposta, Pudim de Cachaça propõe: “Escuta aqui, Alambique... E se a gente hoje de noite fosse fazer uma serenata pra ela?” (VERISSIMO, 1992, p. 290).

## **1.2 O capítulo**

“Serenata fétida” acontece na noite de 14 de dezembro e narra como foi feita essa serenata para Natalina. A cena não existe na obra original, a conversa entre Pudim de Cachaça e Alambique termina com a proposta da serenata. E mais tarde, ao meio-dia, no coreto da cidade, temos o momento em que Pudim de Cachaça pede ao juiz e ao promotor que não condenem Natalina, afirmando que se a mulher o envenenou foi por causa de seu comportamento. Ao final do pedido, Pudim pede ao povo de Antares para ajudar a absolver a esposa. Quando percebi que a cena não existia, instantaneamente a ideia despontou em mim: Pudim de Cachaça realmente indo à cadeia municipal. No capítulo, combinei o universo de *Incidente em Antares* ao meu: misturando às cores, aos contornos e aos personagens da cidade de Antares, as minhas cores, os meus contornos e os meus personagens. Vamos a “Serenata fétida”!

## 2. Serenata fétida

Naquela noite de 14 de dezembro, Pudim de Cachaça deixou o coreto e se dirigiu à Rua da Misericórdia. Antes de sair, avisou os seis companheiros defuntos de que sairia para ver a esposa, mas logo voltaria. À porta do coreto, Cícero Branco deu duas batidinhas no ombro do cachaceiro e disse em meio a risadas:

- Já te disse que tua mulher te matou envenenado, homem.

- Eu sei, doutor, já entendi. – disse Pudim de Cachaça, carrancudo. – Só vou vê-la.

E saiu do coreto, ainda escutando as risadas do advogado. Encontrou Alambique em frente à igreja na Rua da Misericórdia, como estava combinado. Alambique segurava o violão na mão esquerda e na direita, uma garrafa de cachaça. Iluminado pela luz de um poste próximo à igreja, Pudim de Cachaça pôde notar como o amigo estava mais bêbado que naquela manhã. Tinha as pernas meio bambas e, por isso, escorava-se no muro de pedra da igreja; a cabeça voltava-se para as estrelas e a grande lua cheia que brilhava no céu; os olhos azuis ora fechavam-se ora abriam-se, sonolentos; a boca murmurava alguma coisa, “alguma serenata”, pensou Pudim de Cachaça.

Aproximou-se de Alambique e os olhos azuis do amigo voltaram-se para ele. Como acontecera naquela manhã, não havia medo, surpresa ou nojo em seu olhar; Alambique não se chocou com a visão do morto coberto de moscas que se aproximava. Ao invés de sentir repulsa, Alambique abriu um sorriso bêbado, desencostou-se do muro e disse:

- Ora, você chegou! Já pensei na serenata. – Alambique levou a garrafa aos lábios e bebeu longos goles da cachaça. Pudim de Cachaça percebeu que a garrafa ainda estava pela metade. – Me ajude a andar, estou com as pernas um pouco frouxas. – Alambique passou o braço direito pelo pescoço de Pudim de Cachaça e este segurou-o pela cintura com uma das mãos podres e cercadas de moscas. Alambique ainda segurava fortemente o violão e a garrafa e, nos cantos dos lábios, escorriam os restos da cachaça sorvida.

Alambique escorou a cabeça no ombro do amigo, o sorriso bêbado ainda decorava seus lábios.

-Pudim velho de guerra, como gosto de ti.

Pudim de Cachaça olhou para o amigo, as orelhas vermelhas, os dentes amarelados e as moscas. As moscas que antes cobriam apenas o seu corpo agora andavam pelo rosto de Alambique também. Grandes moscas varejeiras atraídas pelo cheiro da cachaça da boca de Alambique. Enquanto Pudim o olhava, Alambique mexeu a cabeça, irritado, quando algumas dessas moscas tentaram entrar em sua boca.

- Tens certeza de que o meu cheiro não te repugna, Alambique? – Perguntou Pudim de Cachaça, receoso.

- Hai piores no mundo, Pudim, já te disse. E tu és meu amigo. – Alambique aumentou o aperto em volta do pescoço de Pudim de Cachaça. – Vamos, vamos, precisamos fazer uma serenata esta noite.

Pudim de Cachaça e Alambique começaram a andar pela Rua da Misericórdia em direção à cadeia municipal. Não havia ninguém andando por aquela rua, com exceção da infestação de ratos que haviam dominado a cidade e passavam guinchando entre as pernas dos cachaceiros.

Um rato preto e gordo, maior e mais esfomeado que os outros, atirou-se em um dos pés descalços de Pudim de Cachaça e arrancou seu podre dedo mindinho com uma mordida. Pudim de Cachaça o atirou longe com um chute, o rato bateu no muro de uma casa, mas rapidamente se recuperou da colisão e correu, vitorioso, para um bueiro com o dedo na boca. Alambique gritou:

- Devolve, esse dedo não é s- – Mas foi interrompido pelo tropeço que deu em seu próprio pé.

- Deixa pra lá, homem, vamos continuar. - Pudim de Cachaça aumentou o aperto na cintura do amigo. Alambique soltou uma gargalhada, assentiu e reforçou o aperto em volta do pescoço de Pudim de Cachaça.

Com passos um pouco mais firmes, os dois continuaram a caminhada pela deserta Rua da Misericórdia. Apesar da falta de presença humana andando pela rua, dentro das casas ouviam-se os lamentos, os choros, os sustos e os gritinhos que os moradores soltavam a cada passo dado pela dupla de cachaceiros. Ao virarem a cabeça em direção a uma casa, Pudim de Cachaça e Alambique viram o movimento de uma cortina na janela e ouviram um grito estridente de uma mulher dentro da casa. Ninguém estava dormindo em Antares naquela noite.

Pudim de Cachaça e Alambique enfim pararam em frente à cadeia municipal. A cadeia municipal de Antares, popularmente conhecida como “a casa bebe”, passava despercebida entre

as residências da Rua da Misericórdia. Parecia uma simples casa de tamanho mediano, paredes pintadas de bege, com uma porta na frente e duas janelas nas laterais. As janelas, no entanto, eram cerradas por grades de ferro enegrecido e isso tornava “a casa bege” uma estranha habitação na Rua da Misericórdia. Além disso, havia acima da porta, em grandes letras pretas, os dizeres “Cadeia Municipal”.

Com a mão livre, Pudim de Cachaça abriu a porta enferrujada, fazendo um rangido metálico ser ouvido, e a dupla entrou na cadeia. Três rostos cobertos de nojo voltaram-se para Pudim de Cachaça e Alambique. Eram Carlitos, o jovem policial que se recusou a abandonar seu posto; Natalina, a esposa de Pudim de Cachaça; e Jose Maria Garzón, um assassino uruguaio, preso meia hora antes da greve ser decretada.

Minutos antes da chegada dos dois, Carlitos estava sentado à mesa em frente às celas dos presos; na cabeça, sustentava o quepe preto, o rosto voltava-se levemente para baixo, os olhos castanhos moviam-se pelas páginas do pequeno livro em suas mãos, um livro amarelo encardido, cujo título “*A corajosa e admirável polícia de Antares*” destacava-se em letras pretas na capa. O livro fora escrito por Vicentino, um falecido e respeitado policial de Antares, e era famoso entre os policiais da cidade, principalmente entre os mais jovens, visto que falava sobre a história da polícia de Antares e trazia dicas para os novos policiais.

Carlitos lia com os olhos atentos e um sorriso sincero nos lábios. Havia se tornado policial há um mês e, apesar de ser jovem e inexperiente, já mostrara grande responsabilidade e comprometimento com a função, por isso, recusara-se a deixar a cadeia mesmo que a Greve Geral tenha sido decretada. Carlitos cumpria sua função orgulhosamente, passando de quando em quando a mão no uniforme novo, alisando os botões dourados do casaco preto e tomando todo o cuidado para não sujar os sapatos polidos.

O jovem policial parou a leitura no parágrafo que dizia “*os policiais devem ser corajosos diante do inesperado e do desconhecido*”, quando sentiu um abominável cheiro de podridão ocupando o ambiente, instintivamente franziu o nariz e olhou em volta tentando achar de onde o detestável cheiro vinha. Percebeu que os dois presos sentados no chão das celas estavam com os narizes franzidos também e igualmente procuravam o motivo do mal cheiro. O arrastar da porta foi ouvido e as três cabeças se voltaram para a entrada.

E então todos viram: Pudim de Cachaça entrava na cadeia com Alambique agarrado a seu pescoço. A aparência do cachaceiro, já destruída pelo excessivo consumo de bebidas alcoólicas, piorara com a morte. As bochechas se tornaram mais túmidas; a boca grossa passou a uma

palidez assombrosa; a pele, já muito seca e maltratada pelo sol, passou ao aspecto de couro curtido; os olhos castanhos perderam o brilho e ficaram esbranquiçados, pareciam duas bolas de gude arruinadas pelo tempo. A morte pareceu também assolar as roupas, os cabelos e a barba de Pudim: a blusa branca e a calça preta estavam mais encardidas e esburacadas, a manga direita da blusa era mantida presa ao restante da vestimenta por alguns fios; os cabelos e a barba estavam ralos e duros. E andando por todo o corpo do defunto estavam as grandes moscas varejeiras.

Quando Carlitos percebeu que o defunto se aproximava, soltou um grito, largou rapidamente encima da mesa o livro que lia e levantou de um salto, desequilibrando o quepe de sua cabeça e derrubando a cadeira em que estava sentado. Ao se afastar para tentar fugir do morto que voltara à vida, esqueceu-se da cadeira atrás de si e caiu em cima dela. Soltou outro grito e foi arrastando-se até a parede dos fundos da cadeia, de seus lábios saíam murmúrios incompreensíveis.

Sentado no chão, com as costas fundidas à parede, Carlitos levou as duas mãos ao nariz, numa vã tentativa de impedir que o mal cheiro fosse sentido. Os olhos do jovem policial estavam arregalados, seu rosto tornou-se branco, assemelhando-se a cor das paredes, e sua testa começava a brilhar por causa do suor que se acumulava.

- Não se aproxime! – gritou Carlitos, com o rosto contorcido de nojo. Em seguida, retirou uma das mãos de seu nariz para levá-la a boca e impedir que o vômito que se acumulava em sua garganta saísse.

- Santo Deus! – exclamou Natalina.

Atrás das grades no fundo da cadeia, estava Natalina tapando o nariz com os dedos. A mulher, vestindo um simples vestido azul claro, encolhia-se nos fundos da cela. Era uma mulher bonita para os padrões de Antares, estava em torno dos quarenta anos, tinha cabelos louros na altura dos ombros, olhos verdes e um rosto redondo.

Pudim de Cachaça se aproximou da cela de Natalina, soltou Alambique, agarrou com as duas mãos as grades e colocou a cabeça entre elas, dizendo:

- Natalina. – o cachaceiro fixou os esbranquiçados olhos no rosto da esposa assustada. Pudim de Cachaça só queria dizer a ela que estava tudo bem tê-lo matado, ele não havia sido um bom marido afinal.

No entanto, com a aproximação do defunto, Natalina começou a soltar gritos de pavor e a implorar:

- Por favor, não! Não se aproxime!

Alambique se sentou no chão, largou a garrafa de cachaça ao seu lado e colocou o violão no colo. “Este é o momento perfeito para cantar uma serenata”, pensou, “serenatas acalmam o coração e era disso que Natalina precisava”, concluiu.

Aproveitando-se do afastamento de Pudim de Cachaça, Carlitos se levantou, apoiando-se com as duas mãos na parede, olhou rapidamente para as costas do defunto e correu em direção à porta da cadeia. Ao abri-la, pensou, “isso não tem nada a ver com o trabalho de policial”, e saiu, batendo a porta com força.

Jose Maria Garzón estava até aquele momento sentado no chão de sua cela com as mãos no nariz e os olhos atentos ao defunto. O assassino uruguaio parecia uma celebridade entre os simples moradores de Antares: tinha a pele bronzeada, o porte atlético, os dentes brancos e os cabelos pretos e brilhosos na altura do pescoço repuxados para trás. E o que mais o destacava era a roupa social inteiramente vermelha que sempre usava.

Ao perceber a fuga do policial, Jose Maria levou uma das mãos ao bolso interno do paletó, os dedos resvalaram em uma de suas facas, no soco inglês, no maço de cigarros, no isqueiro e, por fim, na pequena chave de fenda. O assassino uruguaio fora contratado para assassinar Richard, um rico empresário de Antares. O filho do empresário, Eduard, precisava que o pai morresse rapidamente para herdar a empresa e Jose Maria Garzón era o assassino mais capacitado: silencioso, inteligente e rápido.

Jose Maria chegara a Antares há uma semana e desde então passara a acompanhar os passos do empresário. Sua tentativa de assassinar Richard, entretanto, fora frustrada por Carlitos. O jovem policial o vira segurando uma de suas facas e achou que isso era o suficiente para levá-lo à cadeia e interrogá-lo, Jose Maria prontamente se deixou ser levado, acreditava que só precisava de uma boa justificativa e seria liberado. A greve, no entanto, fora decretada e o assassino uruguaio acabou ficando preso. Pretendia tentar escapar quando Carlitos baixasse a guarda, mas infelizmente o jovem policial parecia atento demais a todos os seus movimentos.

Agora que o policial fugira, havia chegado a hora de escapar. Jose Maria retirou de seu bolso a chave de fenda, levantou-se, dirigiu-se à fechadura da cela, encaixou o equipamento no buraco e começou a tentar abrir o portão da cela. A mão desocupada continuava a tapar o nariz

e de quando em quando o assassino uruguaio olhava para Pudim de Cachaça para se prevenir de qualquer aproximação do defunto. O cachaceiro, entretanto, olhou somente uma vez para Jose Maria e, quando percebeu que o homem tentava abrir a cela com uma chave de fenda, desviou o olhar novamente para Natalina, que continuou a gritar quando os olhos do defunto regressaram a ela.

Próximo da cela de Natalina, Alambique tangia as cordas do violão aleatoriamente e cantava numa voz grave: “Quando a luz dos olhos meus e a luz dos olhos teus resolvem se encontrar, ai que bom que isso é meu deus que frio que me dá o encontro desse olhar”.

Jose Maria enfim conseguiu girar a fechadura e abrir a cela. Pudim de Cachaça, ao notar a abertura da cela ao lado, olhou para o assassino uruguaio, estendeu a mão e disse:

- Me empresta a chave de fenda, homem.

Jose Maria entendendo que o estranho homem queria a chave de fenda, deixou a ferramenta no chão, próximo a própria cela, e correu em direção à porta da cadeia. Do lado de fora, o assassino uruguaio, ainda tapando o nariz com uma das mãos, passou a mão livre nos cabelos pretos, pensou “ciudad extraña” e partiu para terminar seu trabalho.

Dentro da cadeia municipal, Pudim de Cachaça se afastou das grades da cela de Natalina e foi pegar a chave de fenda na porta da cela de Jose Maria. Natalina, ainda tapando o nariz, parou de gritar e começou a acompanhar com os olhos a movimentação do defunto. A mulher tinha o rosto vermelho e molhado de suor, a respiração ofegante e as pernas, cobertas pela saia do vestido, trêmulas.

Alambique ainda tangia o violão e cantava: “Mas se a luz dos olhos teus resiste aos olhos meus só p’ a me provocar, meu amor juro por deus me sinto incendiar”.

Pudim de Cachaça retornou, com a chave de fenda em mãos, às grades da cela da esposa e começou a tentar girar a fechadura. Natalina, sem mais forças para gritar, fechou os olhos e começou a rezar:

- Pai Nosso que estais no Céu...

- Eu vim te libertar, mulher! – Pudim de Cachaça interrompeu a oração. – Você está livre... – o cachaceiro largou a chave de fenda no chão e abriu o portão da cela. – ...até mesmo de mim – disse baixinho.

Natalina e Pudim de Cachaça se olharam uma última vez antes do cachaceiro virar as costas para pegar Alambique e sair da cadeia. Alambique, sentado no chão, parou de tanger o violão e a cantar. Olhou atentamente a troca de olhares do casal, bebeu a cachaça da garrafa e pensou: “Sempre há amores que sobrevivem à morte.”

### 3. Levantando a cabeça: um passeio pela fedorenta serenata

Barthes, em seu texto “Escrever a leitura”, perguntou: “Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu *ler levantando a cabeça?*” (BARTHES, 2004, p. 26). E a minha resposta é “sim, Barthes”. No decorrer da minha leitura de *Incidente em Antares*, minha cabeça levantou-se inúmeras vezes. Não por desinteresse, e sim devido à abundância de excitações e, principalmente, de ideias.

Enquanto lia, fui tomada pelo desejo de rir: risos tímidos, risos atrevidos e gargalhadas altas e irreverentes. Sempre que a ânsia de rir apossava-se de mim, o movimento acontecia: minha cabeça levantava-se e de minha boca saíam genuínas risadas e gargalhadas. No entanto, meu afastamento do livro era breve, sem demora minha cabeça voltava à posição inicial e minha leitura continuava, para que posteriormente o movimento acontecesse de novo.

Além disso, minha cabeça também se ergueu pelas ideias, em específico, pela ideia intitulada “Serenata fétida”. O movimento foi basicamente o mesmo das risadas: à exceção de minha boca que ficou muda e de minha cabeça, inundada de ideias. No mais, meus olhos se prenderam ligeiramente na parede do meu quarto e em seguida minha cabeça novamente abaixou-se para o livro.

A partir dessa leitura, “ao mesmo tempo irrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois que a ele volta e dele se nutre” (BARTHES, 2004, p. 26), que criei “Serenata fétida”. Sendo fruto dessa leitura, “Serenata fétida” possui certos afastamentos com relação à obra *Incidente em Antares*; todavia, por se voltar à obra e se nutrir dela, há também misturas e alusões.

Carlitos e Jose Maria Garzón são criações minhas e conseqüentemente, resultados do meu inocente movimento de levantar a cabeça. Quando elevei minha cabeça, houve um breve corte entre mim e o livro, resultando no jovem policial e no assassino uruguaio. Além disso, os dois vieram acompanhados de mais criações minhas: Carlitos veio junto ao livro “*A corajosa e admirável polícia de Antares*”, do policial Vicentino; e Jose Maria, junto ao empresário Richard e o filho Eduard. Contudo, como minha separação do livro foi curta, minhas invenções também

nasceram para provocar risadas, tal como os personagens de *Incidente em Antares* provocaram em mim.

Outra consequência do meu levantar de cabeça foi a pequena mudança no comportamento dos moradores de Antares durante à noite, depois que seus crimes e perversões foram denunciados pelos mortos-vivos no coreto. Em *Incidente em Antares*, é afirmando que em 14 de dezembro “pouca gente dormiu naquela noite em Antares” (VERISSIMO, 1992, p. 440). Porém, em “Serenata fétida”, afirmo que “ninguém estava dormindo em Antares naquela noite”.

A maneira como descrevi a cadeia municipal de Antares também nasceu do meu ligeiro distanciamento da obra. A cadeia municipal em *Incidente em Antares* foi palco das torturas e do assassinato de João Paz e, apesar de ser inexistente a descrição desse local na obra original, é possível pensar que era um lugar sério e amedrontador. No entanto, em “Serenata fétida”, a cadeia municipal assemelha-se a uma casa qualquer, recebe um apelido dos moradores e é pintada com uma cor sem graça, dando a ela um aspecto inocente. Aliás, Carlitos - o guardião dessa cadeia -, livre para usar qualquer forma de violência, mostra-se inofensivo ante à invasão de Pudim de Cachaça e Alambique.

Destaco também que, apesar de Natalina não ser uma criação minha, sua descrição foi fruto do meu elevar de cabeça, pois a aparência da mulher não é mostrada em *Incidente em Antares* e achei que ela precisava ser retratada.

Mais uma diferença é a nomeação do meu capítulo. Diferentemente dos capítulos de *Incidente em Antares*, o meu foi nomeado. Verissimo somente nomeou as duas partes da obra; eu, em contrapartida, achei que o capítulo precisava de um nome, afinal sempre batizo tudo que crio.

Entretanto, uma vez que minha cabeça retornou à obra e se nutriu dela, em “Serenata fétida”, há também frutos temperados com elementos de *Incidente em Antares*. Dessa forma, algumas criações são apenas parcialmente minhas. A Rua da Misericórdia foi criada pensando que se “como toda cidade pequena que se preza, Antares tem a sua Rua do Comércio e a sua Voluntários da Pátria.” (VERISSIMO, 1992, p. 151), pensei que deveria ter a sua Rua da Misericórdia também, pois as antigas ruas e os antigos becos de Antares possuem nomes saborosos. (VERISSIMO, 1992, p. 151).

Em “Serenata fétida”, há também uma alusão à “revolta dos ratos”: acontecimento marcado por controvérsias, pois os moradores de Antares não conseguiram dizer se foi uma

revolta interna ou uma invasão dos roedores assanhados pelo cheiro dos mortos. (VERISSIMO, 1992, p. 376). Em *Incidente em Antares*, os ratos invadem a cidade e passam “a espalhar o terror por toda a parte, principalmente entre as mulheres e as crianças.” (VERISSIMO, 1992, p. 377). No meu capítulo, Pudim de Cachaça e Alambique têm sua caminhada brevemente interrompida por “um rato preto e gordo.”

Além disso, Pudim de Cachaça também continua, no meu capítulo, com o mesmo comportamento em relação à esposa: cético do assassinato cometido por Natalina e compadecido com a prisão dela. No entanto, em “Serenata fétida”, Pudim não espera que o juiz, o promotor e os moradores de Antares a libertem, ele mesmo se dirige à cadeia e o faz. Na descrição de sua aparência, igualmente mesclo-a à descrição em *Incidente em Antares*: “as bochechas túmidas de cachaceiro, a pele com algo que lembra o couro curtido” (VERISSIMO, 1992, p. 238), a “barba rala e dura de caboclo” (VERISSIMO, 1992, p. 239) e a nuvem de moscas que envolve o corpo do cachaceiro (VERISSIMO, 1992, p. 287) aparecem ao lado das minhas invenções: a boca grossa, os olhos castanhos e as roupas encardidas e esburacadas.

Por fim, os olhos azuis de Alambique, sua completa embriaguez e a indiferença quanto à situação do amigo morto-vivo também aparecem em “Serenata fétida”, tal como em *Incidente em Antares*.

#### 4. Outros leitores

Além de mim, há outros leitores que também praticam uma leitura irrespeitosa e apaixonada. Dessa maneira, suas cabeças também ficam presas ao movimento de subir e descer: elevando-se e abaixando-se para os textos. Nesse sentido, Santaella defende que

há uma multiplicidade de tipos de leitores, multiplicidade, aliás, que vem aumentando historicamente. Além do leitor da imagem, no desenho, pintura, gravura, fotografia, há também o leitor do jornal, revistas. Há ainda o leitor de gráficos, mapas, sistemas de notações. Há o leitor da cidade, leitor da miríade de signos, símbolos e sinais em que se converteu a cidade moderna, a floresta de signos de que já falava Baudelaire. [...] Como se não bastasse, há ainda o leitor-espectador da imagem em movimento, no cinema, televisão e vídeo. A essa multiplicidade, veio se somar o leitor das imagens evanescentes da computação gráfica e o leitor do texto escrito que, do papel, saltou para a superfície das telas do computador. (SANTAELLA, 20--, p. 28).

Ao sistematizar esses diversos tipos de leitores, a autora classificou-os em três tipos: o leitor contemplativo, o leitor movente e o leitor imersivo.

O leitor contemplativo “nasceu no Renascimento e perdurou até meados do século XIX.” (SANTAELLA, 20--, p. 29). É um leitor solitário e silencioso, sua relação com os livros é íntima, feita em espaços privados, a biblioteca é o lugar onde se recolhe para contemplar seus livros. Sua cabeça mantém-se solenemente abaixada e o tempo cessa quando seus olhos estão diante de seus “livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras” (SANTAELLA, 20--, p. 30). Além disso, sua leitura é lenta e pode ser repetida inúmeras vezes, pois todos os livros estão imóveis à espera de seu leitor “que os procura, escolhe-os e delibera sobre o tempo que deve dispensar a eles.” (SANTAELLA, 20--, p. 30).

O leitor movente “é filho da revolução industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos” (SANTAELLA, 20--, p.29). É um leitor mais distraído, imerso em novidades e com uma memória mais curta, mas identicamente ágil como o mundo onde vive. Acostumado às distrações e ajustado “a novos ritmos da atenção que passa com igual velocidade de um estado fixo para um móvel” (SANTAELLA, 20--, p. 30), o leitor movente é apressado e levanta sua cabeça de seus textos para acompanhar a velocidade e as inovações de seu tempo.

O leitor imersivo “é aquele que brotou nos novos espaços das redes computadorizadas de informação e comunicação.” (SANTAELLA, 20--, p. 29). É um leitor que “navega em telas e programas de leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis.” (SANTAELLA, 20--, p. 31). O leitor imersivo possui uma grande liberdade para levantar a cabeça, pois sua leitura não segue uma ordem previamente prescrita pelas páginas de seus volumes, ele é livre para trilhar os caminhos entre os textos, imagens, músicas, vídeos etc.

Além disso, a autora afirma que com as rápidas transformações da cultura digital, principalmente com a propagação dos celulares, um novo tipo de leitor surgiu: o ubíquo.

O leitor ubíquo herdou a velocidade do leitor movente e a capacidade do leitor imersivo de se conectar e perambular por diversos espaços, físicos e virtuais. O que caracteriza esse leitor é a habilidade de penetrar no ciberespaço “sem perder o controle da sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado.” (SANTAELLA, 20--, p. 35). Sua cabeça levanta-se incontáveis vezes, uma vez que sua atenção é sempre parcial contínua, pois o leitor ubíquo está sempre dividindo sua atenção e processando tanto as informações ao seu redor quanto as informações presentes em seu celular, na palma de suas mãos.

Santaella argumenta que esses tipos de leitores “coexistem, complementam-se e se completam” (SANTAELLA, 20--, p. 32), por isso, o surgimento de um novo tipo não anulou a existência do anterior.

Dessa maneira, somos a amálgama desses quatro tipos de leitores. Somos capazes de contemplar, apaixonadamente, nossos textos e de entregar-nos, imersos no silêncio de uma biblioteca, às palavras. Somos capazes de ler apressadamente, por vezes levantando nossas cabeças e distraíndo-se com nossas ideias e com o mundo ao nosso redor. Somos capazes de navegar nas redes, levantando nossas cabeças dos textos para escolher por quais caminhos queremos seguir. Por fim, com a ajuda de nossos celulares, somos capazes de nos conectar aos espaços físicos e virtuais ao mesmo tempo, levantando nossas cabeças e abaixando-as inúmeras vezes para voltar à posição de contempladores de nossos textos.

## Conclusão

Durante minha leitura de *Incidente em Antares*, deparei-me com a pequena cidade de Antares, conheci sua história e vi seu desenvolvimento. Mais tarde, uma Greve Geral foi iniciada e sete mortos-vivos retornaram à cidade para ordenar que fossem sepultados. Um deles chamou muito a minha atenção: o Pudim de Cachaça, assassinado pela própria esposa. Depois de conhecê-lo, de quando em quando, levantei minha cabeça e desviei meus olhos do livro em minhas mãos. Desses movimentos, uma ideia surgiu em minha mente. Sentindo a necessidade de materializá-la, o capítulo “Serenata fétida” nasceu, sendo uma combinação entre o mundo de *Incidente em Antares* e o meu.

Enfim, encontrei outros leitores que também mantêm suas cabeças no movimento de subir e descer no decurso de suas leituras. Santaella classificou-os em quatro tipos: o silencioso leitor contemplativo, que dificilmente levanta a cabeça; o distraído leitor movente, que levanta a cabeça para acompanhar a velocidade e as mudanças; o conectado leitor imersivo, que navega pelas redes e levanta a cabeça para escolher seus próprios caminhos; e, por fim, o leitor da eterna atenção parcial contínua, o ubíquo, que levanta demasiadamente a cabeça para perambular pelos espaços físicos e virtuais com a ajuda de seu celular. O leitor atual é a combinação desses leitores: apto para permanecer com a cabeça abaixada, mas também ousado para levantá-la para olhar o mundo ao seu redor, para decidir suas próprias rotas, para rir, para criar...

## Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTAELLA, Lucia. O leitor ubíquo e suas consequências para a educação. [S.I]: Coleção Agrinho, [20--] Disponível em: [https://cdn.goconqr.com/uploads/media/pdf\\_media/23100200/8396885b-9c75-4df9-a976-64afa2fd69ed.pdf](https://cdn.goconqr.com/uploads/media/pdf_media/23100200/8396885b-9c75-4df9-a976-64afa2fd69ed.pdf). Acesso em: 14 de jun. 2022.

VERISSIMO, Erico. **Incidente em Antares**. 34ª ed. São Paulo: Globo, 1992.